ANO XV — Domingo, 10 de Outubro de 1915 — NUMERO 761

Gazeta de Espinho

PELA PATRIA E PELA REPUBLICA

DIRECTOR E EDITOR — J. Praça de Vasconcellos

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Dezenove n.º 29
ESPINHO

Propriedade da Empreza
GAZETA DE ESPINHO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
Imprensa Pátria
R. ANTERO DO QUENTAL, 36—OVAR

Ha cinco anos

Em 5 de Outubro de 1910, ruia o antigo regime, vetusta oligarquia, embora consagrada pelos seculos, que uma estirpe dinastica transformára em solio e morgadio de castas privilegiadas, onde dominava o jezuita, vegetava a vadiagem e campeavam os bandidos da peior especie.

A administração publica tornára-se um simulacro perfeito de pinhal de Azambuja. A politica girava sob a inspiração suprema da Companhia de Jesus e o poder pessoal era a móla potente da engrenagem de regedoria, de caciques e de apaniguados.

A representação popular ludibriada, apenas servia para dar postos de acesso á meza do orçamento.

A industria definhava, o comercio atrofiava-se e a lavoura, fonte de riqueza deste paiz agricola por excelencia, mirrava na rotina dos processos e na miseria de expedientes.

A economia nacional paralizára as suas iniciativas numa apatia condenavel e por demais vexatoria.

O imposto — recurso inexaurivel dos financeiros de Estado — progredia na razão inversa do desenvolvimento da riqueza nacional.

A instrução popular jazia num cáos. O numero de analfabetos acusava uma percentagem vergonhosa.

Numa apatia morbida, a nacionalidade despenhava-se para o abismo. A côrte vivia no fausto e na grandeza. Os magros reditos do tezouro, mal davam para adiantamentos á familia real, que parecia alheada á sorte deste povo, outrora grande pelas suas tradições, magnanimo pela sua historia, sublime pela ingente epopeia das suas glorias.

Portugal ia á véla...

Era inevitavel o dezastre. Batia-nos á porta a intervenção estrangeira.

O jezuita — agente parazitario, desnacionalizado — tripudeava como negra ave agoirenta sobre a miseria e a triste sorte do pobre Portugal.

Foi, no meio deste desalento, do descalabro de administração, no torpôr das forças vivas da nação, dentro do servilismo clerical; foi neste lance angustioso de estertôr que surgiu o impulso energico do despertar.

Em 5 de Outubro de 1910, Portugal erguia-se perante a Europa, perante o Mundo, proclamando o direito á vida, como nação independente e livre.

Num impulso altivo, digno e generoso, a velha nação luzitana, varria a cafila impestante dos dirigentes crapulozos e imorais.

A clericalha era reduzida á impotencia de dirigir e educar.

Com a Republica salvava-se a nacionalidade e libertava-se o povo, dignificando-o e tornando-o arbitro consciente dos seus destinos.

Bemdita revolução!

Salvé gloriosa data.

Viva a Republica Portugueza!

5 D'OUTUBRO

—:—

A data gloriosa de 5 d'Outubro foi com brilhantismo este ano festejada em Espinho.

A's 7 horas, duas bandas de musica percorreram varias ruas da vila tocando a «Portugueza», «Maria da Fonte» e mais peças dos seus respetivos reportorios.

A's 7,30 subiu ao ar uma girandola de foguetes anunciando os festejos.

A's 9,30, as duas bandas de musica que eram a Soqueiro e Couto de Cocujães, subiram aos coretos, a primeira ao do Jardim da Graciosa e a segunda no erigido na Avenida, tocando até ás 12, hora em que subiu ao ar outra girandola de foguetes.

Das 15 ás 18 horas as duas bandas tocaram nos mesmos locaes em certamen. Como é natural começaram as apreciações pendendo, como é de vêr, a gente da terra, para a banda Soqueiro, mas é justo confessar que a do Couto de Cocujães é uma explendida banda.

Pelas 20,30 saíu do Quartel de Bombeiros o anunciado cortejo que obedeceu á seguinte ordem: — á frente, um grupo de praças de infantaria 6, em serviço na carreira de tiro, e um outro de praças da guarda-fiscal, banda de musica Soqueiro, Bombeiros Voluntarios com 3 carros, ladeados por duas grandes filas de archotes e fogo de bengala. Carros conduzindo representantes do «Espinho Club», Associação do Comercio e Industria, Associação Comercial, autoridades administrativas, Camara Municipal, etc. Representavam o «Sporting Club d'Espinho» os srs. Alfredo Valente e A. Carneiro.

O cortejo seguiu o seguinte itinerario: Quartel, Avenida do Teatro, Bandeira Neiva, Serpa Pinto, 1.º de Dezembro, Norte, Bandeira Coelho, Avenida do Teatro, Santos Pousada, Serpa Pinto, Graciosa, Independencia, Avenida do Teatro, recolhendo em seguida ao Quartel.

Durante o trajeto eram lançados, morteiros, foguetes de lagrimas, etc.

Pelas ruas via-se grande aglomeração de povo que veio das proximidades desta vila.

Até á meia noite tocaram as musicas, sendo perto da meia hora, por uma girandola de 10 foguetes, dada finalisação aos festejos.

Alguns carros apresentaram-se lindamente ornamentados, salientando-se os dos Bombeiros e o da Associação dos Empregados do Comercio e Industria que conduzia os seus associados srs. Ciriaco Duarte dos Santos, Antonio Cadinha, José Queiroz, Miguel Fragoso e José Gomes da Rocha Amorim.

Representava a «Gazeta» o nosso colega sr. capitão Marrecas Ferreira.

*

As Avenidas 8 e Graciosa apresentavam-se garridamente ornamentadas, sendo grande a quantidade de povo que á tarde por ali passeiou, assim como pela rua Bandeira Coelho, que tambem em toda a sua extensão se achava engalanada.

A iluminação á moda do Minho, nas citadas arterias publicas era dum aspeto surpreendente.

O fogo de vistas era tambem magnifico.

Até depois da meia noite, hora até que tocaram as musicas, o movimento foi enorme.

As casas de diversões, em especial o «Salão Avenida», estiveram muito concorridas.

De entre as inumeras casas que iluminaram, embandeiraram ou hastearam o pavilhão nacional, dando assim prova do seu amor pela causa republicana, lembra-nos de vêr as seguintes:

João Marques dos Santos, Eduardo Marrecas Ferreira, capitão Antonio Cyrne de Madureira, João Vale, Augusto Pinto de Sousa, Montenegro dos Santos, Antonio d'Oliveira Reis, Joaquim d'Oliveira Reis, Alfredo Baião, José de Carvalho, Arminio Vieira, Apolinario Pereira, Francisco Pereira Barbosa, José Pereira de Carvalho, Manuel Pereira Granja, Silverio Strecht, Manuel Alves Moreira, Ramiro Xabregas, José Xabregas Junior, Francisco Amorim, Ferreira Alves Limit.ª, Ferreira da Costa, Francisco Rezende, Sebastião José de Miranda, José Monteiro, Mariano C. Peixoto, Antero Silva, João Martins Rodrigues, Matias Lopes de Castro, etc., etc.

Algumas pessoas destas tiveram gosto nas suas ornamentações, o que dava certo realce á festa, sendo com interesse discutido esta ou aquela fachada, esta ou aquela pessoa.

Tambem embandeiraram ou iluminaram:

Estação Espinho-Praia (Val do Vouga) e escritorios, Grande Hotel, Hotel Dias, Balneario d'Espinho, Centro Democratico, Quartel da Guarda Fiscal, Bombeiros Voluntarios, Associação do Comercio e Industria, Espinho Club, Centro Evolucionista, Associação Comercial, etc., etc.

*

Das casas particulares que se apresentaram melhor ornamentadas e iluminadas, é de justiça salientar a residencia da ex.ma sr.ª D. Alice Neves, á rua 14. Aquela senhora foi dum gosto incomparavel, sendo tão surpreendente o efeito de sua casa, que obrigava todas as pessoas que passavam por ela, a pararem um pouco. A sala de visitas achava-se ricamente decorada, distinguindo-se a um canto, um lindo busto da Republica por entre vasta luz e flores.

Por nosso lado, parabens á ex.ma sr.ª D. Alice, que mostra conhecer o caminho por onde deve enveredar... senhoras de tão excelsas virtudes.

Je Sais Tout.

COMENTARIOS

—*—

E' vê-los...

«As simpatias da Alemanha pela Espanha são profundas. A Espanha e a Suecia são as duas nações que teem dado prova duma maior benevolencia para comnosco. Gibraltar, Tanger e a união com Portugal tendo como consequencia o dominio do estuario do Tejo devem ser o ideal espanhol, que concorda com os desejos da Alemanha.»

Eis o que Otto Hoeszch (pelo nome não nerca) publica zeta da Cruz».

Oh que admiravel prova de *simpatia fraternal* teem por nós os *boches*, assim como a maior parte de *nuestros hermanos!*

Eles juntos com duas dusias de talassas germanofilos que por ahi vegetam que *trindade excelsa:* Mas o seu desejo não se realisará jamais. Escouceiem á vontade.

E quanto ao resto é... vê-los!

Isto de Santos...

Francamente, isto de santos faz nos pensar e muito. Qual o motivo porque no dia da festa da Ajuda a sua padroeira não intercedeu perante S. Pedro para que não chovesse?

Poderia te-lo feito e se quisesse uma carta de recomendação cá da terra crêmos que o sr. Abade de bom grado lha daria. Afinal com ela ou sem ela choveu. E a respeito, já ouvimos um *talassico* qualquer dizer alguma coisa lamentando *pro... fundamente* no dia da comemoração da proclamação da Republica não haver chovido!

Seria o acaso, ou S. Pedro teria aderido? Talvez o sr. Abade o saiba. E por falarmos no sr. Abade dizem-nos ser uma boa pessoa. Um dia destes foi-se não sabemos p'ra onde e deixou-se assim de realisar um enterro catolico, porque sua reverendissima foi tomar ar, pois continue a *tomar*...

Até que emfim!...

Lembram-se certamente quando nós num dos nossos ultimos numeros falamos de o

edificio do correio e telegrafos desta vila não possuir um pau ou uma coisa que o valha, para quando fôsse preciso arvorar a bandeira nacional provando assim ser *aquilo* uma repartição publica. Mas, oh irrisão, não julguem que o edificio já conta com o mastro. Nada disso. No dia 5 de Outubro apareceu lá um com a bandeira, mas foi provisoriamente... e se apareceu foi porque alguem andou de séca e méca a pedir aqui e acolá. Esse alguem já, se sabe, longe de ser a Direção Geral é um alguem que aos olhos de muitos passa por ninguem mas que cumpre com os seus deveres.

Carteira Elegante

Seguirá hoje para Lisboa devendo embarcar amanhã, com destino ao Pará aonde emprega a sua atividade no comercio daquela praça, o nosso bom e simpatico amigo sr. José Bastos. Devido ao seu fino trato e excelentes dotes de coração, conseguiu entre nós um vasto circulo de amigos. Será passageiros do vapor «Anselm» e sinceramente lhe desejamos uma excelente viagem.

*

A passeio encontra-se entre nós a distinta «mademoiselle» Amelia Ferreira, filha do sr. Manoel José Ferreira, bemquisto comerciante portuense, chefe da firma Manuel José Ferreira & Filhos.

*

De Albergaria-Velha chegaram á nossa praia entre outras pessoas os snrs. Manoel Machado e Germano Araujo.

*

Vindos daquela mesma localidade são aqui esperados amanhã: com sua ex.ma familia o sr. Fernando Guimarães, de Valmaior e Mario Pinheiro.

*

Regressou de Lisboa o nosso amigo Alexandre da Silva Godinho.

*

Com sua familia chegou de Agueda a esta praia, o sr. Joaquim Moreira da Silva.

*

Com sua esposa e filhas chegou a esta praia, de Anadia, o sr. Joaquim Paulo.

*

Parte amanha para o Rio de Janeiro o nosso amigo e jovem Constantino de Carvalho, filho do nosso caro amigo e correligionario José de Carvalho. Constantino de Carvalho pede-nos para que, por este meio, lhe façamos as suas despedidas a todos os seus amigos. Por nosso lado um «au revoir», boa viagem e muitas felicidades, assim como um breve regresso.

*

Chegaram da Louzã com suas ex.mas familias, os srs. dr. José Rodrigues Lamas e Alfredo Salazar Coelho.

*

Encontra-se entre nós o sr. João Maria Alves, comerciante em Celorico da Beira.

*

Retiraram para Agueda com suas esposas e filhos os srs. Benjamim Barata e Joaquim Valente d'Almeida.

*

Chegou da Curia, o sr. dr. Vicente Ferreira dos Santos.

*

Retirou para Lisboa no seu magnifico automovel «Cottin & Desgouttes», o nosso amigo Artur Mimoso, socio do importante Stand Delage d'aquela cidade. Acompanhou-o o tambem nosso amigo o distinto empresario teatral Alexandre C. Correia.

*

Tambem regressou á capital, acompanhado de sua ex.ma familia o nosso amigo João C. Correia conhecido corretor de fundos publicos.

*

Retirou desta praia o integerrimo juiz de Estarreja, sr. dr. Luiz Pereira do Vale Junior com ex.ma familia.

*

Com sua ex.ma esposa e filha ainda se encontra nesta praia o sr. dr. Armando Saraiva.

VIII

Tens-me feito sofrer tanto
que me chego a convencer
que muito me deve amar
quem tanto me faz sofrer.

Uma côdea de pão seco,
comida com alegria,
vale mais que a casa cheia
onde a discordia vigia.

M.

Literatura

Dolosa

No caminho, onde nós ambos passamos
O' minha casta flor!
os passarinhos, altos nos seus ramos
falavam-nos de amor...

E depois, quando ali voltei ancioso,
e que já não te vi,
Tudo quanto avistei, num tom choroso
me falava de ti...

JOAQUIM D'ARAUJO

Ha tres cousas que saltam aos olhos: a verdade, o gato e a mulher geniosa.

Olha a fita!...

Eu sou a fita e a fita é tudo
que tenha um quê de exquesitice,
faser a fita está na moda,
não a fazer será tolice.

Foge do curro um toiro desvairado,
galga uma escada e sobe um quarto andar,

salta muros, cancelas e portões,
a marrar, a marrar, sempre a marrar,
e toda a gente grita...
é uma fita...

Chega a casa o marido... a esposa encontra
nos braços dum amante, desmaiada,
solta um brado de horror, puxa um revolver,

mata o amante e á esposa idolatrada,
a visinhança apita...
é uma fita...

Vae um burguez pacato e envergonhado
cear com a cocote em «cabinet»
quer erguer-se, mas não se tem em pé
e cae como um catita...
é uma fita...

* * *

Queixas Vans

Todas as revelações supostas divinas já o bom senso, que tambem cada vez mais se esclarece, as regeitou, estão hoje no rol das lendas.

Não reconhecem os governos nem religiões positivas; nem autoridades religiosas — e quando a egreja vem a separar-se do Estado, desde então não fica tendo realmente uma existencia legal, e sem justa rasão, invocam os jornaes catolicos a liberdade como um direito comum para acusarem alguns actos repressivos dos poderes seculares.

Hoje, é já licito disel-o, os dogmas da fé romana não são discutiveis, nem se discutem: o pecado original, a encarnação e o sacrificio redemptor de Christo, uma judia mãe de Deus, a ressurreição dos mortos, o diabo, o inferno, o purgatorio, as almas no fôgo eterno, os efeitos misticos do culto, a eucaristia, os poderes espirituaes, os milagres, as devoções como a de Lourdes, as imagens, as ofertas a fim de se obterem favores celestes, etc., tudo isso, apenas subsiste na credulidade das classes rudes, ou pouco instruidas.

Ora em nome de um credo, que não podendo substituir-se de repente por outro mais rasoavel no espirito d'aquelas classes, ou do maior numero, serve ainda de rotulo aos partidos reacionarios, os jornaes catolicos levantam-se cheios de altivez e de arrogancia, e acremente censuram os governos, quando não consentem que as abusivas e exorbitantes pertenções do clero superior, incompativeis com a civilisação actual se advoguem e divulguem!

No concilio do Vaticano foram canonisados os lêmas ultramontanos; lá se reconheceu ao pápa a autoridade de estabelecer, alterar e anular todas as leis civis e politicas e até de impôr pênas temporaes aos violadores dos preceitos da egreja; lá se decidiu que aos governos seculares corre a obrigação de fazer executar todos os decretos de Roma; principios estes, como se vê, subversivos da ordem social moderna, e que nenhum governo pode aceitar, nem consente no ensino publico, principalmente como artigos de fé, obrigando a consciencia.

Alem d'isso ha que rebater na educação moral pelo clero, quando persuade aos espiritos incultos e fanatisados, que os actos pios, e as indulgencias, a troco de dinheiro, atenuam, ou extinguem as culpas.

Lembremos tambem, que nos seminarios se adoptam livros para o estudo dos alumnos como as *Instituições Cristans* do bispo Bouvier, onde se lê, que os fieis devem desobedecer aos soberanos, e a todos os chefes politicos e revoltar-se, quando excomungados, ou considerados hereges, e a *Theologia Moral* do jesuita Gury denunciada no parlamento francez por *Paulo Bent*, (de quem li uma traducção) e na verdade não desmerece dos velhos moralistas da Ordem o actual professor do Collegio romano.

Julgamos pois necessaria, e competir aos governos, a fiscalisação do ensino religioso em toda a parte, até mesmo nos templos, e tambem o dissolver quaesquer associações, onde os reacionarios se acoitam e manobram.

Não extranhamos ao governo portuguez o ter mandado fechar o *Circulo Catholico* de Viseu, bastava que assim entendesse conveniente.

Ninguem sabia até que ponto se haviam derramado os jesuitas pelo nosso paiz, nem se calculava a que alto grau chegára a sua influencia, senão quando um partido da monarquia se apoiou nos clericaes ou nacionalistas constituindo o bloco tão funesto para ela; — eles estavam já predominando.

Na furia com que atacaram o governo esperançoso e verdadeiramente liberal do sr. Teixeira de Sousa, vieram denunciar as suas pretenções já mal disfarçadas.

Diziam na *Palavra*, quando nas instituições vigentes não podessem realisar as suas aspirações *chistans*, saberiam substituil-as por outro regimen que melhor as satisfizesse. Era a ameaça da revolução. Mas a revolução veio e expulsou-os.

Foi preciso um sacrificio enorme—convem á republica não cair na incuria e imprevidencia dos governos anteriores.

(Continua)

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Ao correr da pena...

—:—

Sem verbos. Sem assunto

Passou o 5.º aniversario da minha querida Republica. Muitas festas, muita musica, foguetorio, discursorio, etc. O que foi a sua comemoração em Lisboa, no Porto e na provincia já o caro leitor pelos jornaes o sabe. O que houve em Espinho tambem se sabe ou por se ter ocasião de ver, ouvir, ou ainda pela leitura dum periodico ou outro. A «Gazeta» tambem o diz. Ora sendo assim, passando-se as festas, do que vos falar? Que dolorosa surpresa para mim, debruçado á carteira, com a pena sobre o papel nesta limpida manhã de Outubro, açoitada brandamente por uma *garôa* finissima, vivificadora e fecundante, á procura dum assunto para esta prosa sem verbos! Que tédio indefinido, que invencivel desanimo transbordante de minh'alma alheiada, distraida, apóz longos minutos de concentrada meditação em busca de uma ideia sempre ausente! Debalde todas as tentativas, inuteis todos os esforços da minha imaginação estéril como a aridez desoladora do Sahara, fustigada desapiedadamente pelo Simoun em sua furia devastadora. E todas estas manifestações intimas do meu espirito, envolvido neste momento por uma nuvem de pensamentos desordenados e confusos, produsidos pela infecundidade crescente do meu cerebro inteiramente vasio, sem um vislumbre, sem a unica centelha de uma ideia...

. . . . . .

Em tôrno de mim profundo silencio, interrompido de quando em quando pelo canto sonoro d'um galo e pelo chilrear de andorinhas em bando, rapidas celeres em espiraes pelo espaço fóra...

De fronte da minha janela florido jasmineiro rescendente de embriagantes perfumes, pousado em um dos seus galhos vestido de espessa folhagem, como escondidos de olhares indiscretos, branco casal de pombas, juntinhos, docemente aconchegados, em terno e amoroso idilio. Alem, carregadas de preciosos frutos, parreiras verdejantes.

Ao longe, naquela iminencia debruada de extensa faixa de mata verde-negra, coberta de viçosa pastagem — belissimo tapete de verdura, — uma manada de bois de lusidio pelo, deitados á sombra deliciosa de copadas arvores. Do lado oposto, a pequena capela branca com a sua pequena cruz verde, a capela da minha terra. E com a vista errante neste trecho de paisagem soberba e encantadora, banhada agora por torrentes de luz despedidas do alto do seu trôno pelo astro rei magestoso e soberano no espaço infinitamente azul, a minha alma genuflexa, recolhida a si mesma e transportada a mundos invisiveis em admiração á maravilhosa conceção da Naturesa. Agora reparo, neste andar não me entendendo a mim proprio, como me hão de a mim entender? Emfim, caros leitores, com grande assombro da minha parte, eis aí escrita, nesta manhã de Outubro a principio nublada e fresca e agora dourada e luminosa, esta prosa sem verbos, sem belesa de expressão, sem assunto...

Muitas asneiras, não é verdade? Mas fiz a minha obrigação. Ou bem ou mal escrevi o que me competia. Poderá ser que para a semana haja mais juiso... e mais assunto.

D. Toribio II.º

Casos e Noticias

O tempo e o mar — A respeito do tempo só ha a dizer que a côrte celestial anda á unha com a Senhora de Ajuda, pois a festa foi regada com grande gaudio dos nabos e quejandos artigos e que em 5 de outubro o rutilante Sol dardejou os seus igneos raios por este lindo torrão á beira-mar plantado.

O mar continua em guerra aberta e só se entende por alta noute com o sr. abade que lhe recebe as confidencias. Está algo azambubado com as ultimas noticias dos aliados.

A respeito da pesca... nada

Falecimento—Finou-se com a idade de 66 anos no passado sabado pelas 3 horas o sr. José Pires de Resende, proprietario da Farmacia Resende desta praia.

Com grande acompanhamento realisou-se no domingo o funeral do desditoso comerciante, da casa de sua residencia para a egreja onde ficou o corpo em exposição até segunda-feira, quando foi condusido em caminho de ferro para o cemiterio da Ordem do Carmo, Porto.

O extinto que foi vice-presidente do Senado de Espinho, gosava, aparte os seus credos politicos, de gerais simpatias. A Camara em sinal de sentimento arvorou a bandeira a meia haste. Igual deliberação tomaram o Espinho Club e os Bombeiros Voluntarios de onde o extinto era socio. A' familia enlutada os nossos pesames.

Pela imprensa — Recebemos o novo jornal humoristico, literario e noticioso, que se publica em Albergaria a Velha sob a direção do sr. José H. d'Almeida — «O Artista.»

Agradecemos e vamos permutar.

Tambem recebemos «O Catorse de Maio», orgão dos revolucionarios sob a direção do sr. Mario Saragoça.

Idem da mesma forma.

Consternação — Causou imensa consternação em Espinho a noticia da morte do conhecido professor de luta, o japonez Kirano. Não só entre os seus muitos discipulos que aqui conseguiu como entre todas as pessoas que com ele conviveram, Kirano era estimadissimo; e assim a noticia da sua morte, dada na praia de Santa Cruz quando tomava banho, foi recebida com consternação.

Cotilhão — Realisou-se na passada quinta-feira nos salões da nossa elegante assembleia um cotilhão *chic* em que tomaram parte senhoras e cavalheiros da nossa melhor sociedade. A assistencia era seleta e distinta. Não nos podemos por absoluta falta de espaço alongar mais sobre o que foi essa encantadora noite. Pena é.

Que tal? — Segundo correspondencia do Porto para o nosso colega «O Mundo», na noite de 3 para 4 do corrente nas alturas de Espinho o vapor portuguez *S. José* abalruou com o vapor espanhol *Santo Antonio*, que tinha os faroes apagados, ficando com algumas avarias. De bordo do vapor espanhol atacaram a tiro de pistola, ficando o casco do vapor portuguez crivado de

balas. O vapor espanhol foi levado para Lisboa.

Ora imaginem, nós com tiroteio cá por perto! Já não chega o que ás vezes temos cá por terra.

Enterro — O sr. abade está troçando com a humanidade á grande e á *franceza*.

Safa-se, não deixa cá ninguem a substituil'o e quem quizer que se arranje.

Está agora, ainda que com custo, convencido que não faz cá falta nenhuma.

Um vareiro que quiz enterrar um filho religiosamente correu Séca e Méca e Olivaes de Santarem para achar um homem coroado, que lhe enterrasse o filho.

Esperou 3 longos dias para que ele aparecesse e no final deles foi tão excelso padre substituido pelas autoridades que no memoravel 5 de Outubro foram sepultar a inocente creança, vitima dos furores abaciaes.

Mais uma vez — Sômos obrigados a deixar de publicar varios artigos de nossos caros colaboradores. Temos sob a banca algum original que por absoluta falta de espaço deixamos de publicar. Logo que nos seja possivel o farêmos.

Troca de valores — Foi determinado que cessem em 31 de Dezembro proximo, a circulação e validade dos valores selados do antigo regimen, atualmente em uso, e que não tenha sido aposta a sobrecarga «Republica», em abreviatura ou por extenso. A troca desses valores por outros da mesma especie, emitidos na vigencia do atual regimen, efetuar-se-ha nas tesourarias da fasenda publica, durante o mez de Janeiro de 1916.

Nova Farmacia — Acaba de abrir-se ao publico uma nova Farmacia situada na rua Bandeira Coelho 172, nos baixos do predio do ex.mo sr. dr. Castro Soares, que se acha bem montada e bem sortida de todos os medicamentos modernos, em uso, de reconhecido valor *terapeutico*, bem como um sortido completo de aguas minero-medicinaes e de meza como *Luso*, *Curia*, etc.

Desejamos muitas felicidades ao seu propriétario, o nosso amigo sr. Manoel Victorino de Queiroz, Farmaceutico plenamente aprovado pela Escola Medico-Cirurgica do Porto.

Cinematografo — Tentámos frisar no ultimo numero as vantagens de ser um bom aparelho cinematografico manejado por um bom operador.

Isto é perfeitamente axiomatico e por isso não perdemos tempo a demonstral'o.

Ha um facto importante a atender que nos parece que é um pouco desprezado.

E' evidente que a projeção cinematografica não se pode levar nitida até ao infinito e assim deve haver uma relação entre a força projetora e a distancia do plano projetor.

A ampliação das imagens é tambem função desta distancia.

E' claro que deve haver uma distancia do plano projetor em que essa projeção se faça com o maximo nitidez e com a ampliação conveniente.

Assim parece-nos justo que o aparelho seja desde o principio adequado para a distancia do plano projetor.

Não se pode então impunemente fazer a transplantação dum aparelho que funcione num Salão para outro de dimensões muito diferentes.

E' claro que visto que o aparelho se presta a ser modificado de forma a adoptar-se a uma distancia grande, pois que isso é uma simples questão de lente, podemos por isto vêr que um aparelho se pode mudar dum para outro Salão de dimensões muito diferentes quando haja o cuidado de lhe substituir a lente por outra adequada á nova distancia.

Conclusão final.

Todo o aparelho que funcione bem num Salão funcionará bem em qualquer outro contanto que se faça um estudo previo da lente adequada para a nova distancia.

Vieram estas considerações a pêlo por causa dos requisitos indispensaveis a um bom operador.

Um mau operador faz um papel menos imperfeito funcionando com um bom aparelho que um bom manejando um máu.

Bom operador, bom aparelho, *films* originaes e duma beleza incontestavel fazem, certamente, a fortuna duma empreza.

O Salão Avenida possue estas propriedades; mas luta com a exiguidade do Salão; mas esperamos que esse inconveniente seja em breve removido.

DIVAGAÇÕES

Aguas mineraes

Todos nós sabemos que o nosso paiz é riquissimo em aguas mineraes.

Parece que a Natureza quiz conceder por favor especial a Portugal o monopolio delas.

E' grande entre nós a quantidade de fontes de aguas mineraes e de temperatura elevada.

Temos tambem fontes de aguas mineraes, e em grande numero com médias e baixas temperaturas. Sabemos que por cada 30 metros de profundidade a temperatura vae aumentando um grau, e então uma fonte que jorre á superficie agua a 30 graus, deverá vir duma profundidade proximamente 900 metros.

Ora nós temos fontes de agua mais quente, e portanto essas devem vir ainda de mais baixas camadas.

Se o nosso paiz fosse vulcanico, diriamos que essas aguas mineraes quentes eram impelidas para os ductos vulcanicos, que confinam com as crateras, pela força expansiva dos gazes, que restolgam dos vulcões.

Os gazes expelidos pelos vulcões abrem frequentes vezes caminhos obliquos aos ductos e vão com a furia esmagadora perfurando o terreno durante centenares de leguas, e vão ao fim delas abrir-se na superficie.

Depois de sairem para a atmosfera deixam um caminho aberto interior, que leva ao ducto vulcanico.

Estes gazes ao sairem para a atmosfera condensam-se, e formam uma fonte porque eles estão sempre carregados de vapores aquosos.

Se estas fontes fossem só alimentadas pelos vulcões, secariam quando estes se extinguissem.

Estes canaes lateraes veem de enormes profundidades e seguem diferentes camadas fazendo com que a agua que corre nas permeaveis derive para aqueles canaes, e ao atravessar outras camadas carregadas de mineraes soluveis arrasta-os comsigo, e vem a final romper á superficie levando-lhe agua mineral mais ou menos quente, conforme a profundidade donde vem.

As aguas termaes formam uma rede fluvial interior muito extensa que provem da superficie da Terra.

A agua potavel tambem é uma agua mineral, e é a esta propriedade que ela deve o seu paladar agradavel.

A agua do mar evaporando-se forma as nuvens, e estas resolvendo-se em chuva despejam-n'a na superficie da terra, sob a fórma de agua pura sem saes em dissolução.

Infiltrando-se na terra procura camadas permeaveis aonde vae buscar os saes de que precisa, e vai depois noutros pontos formar as fontes.

A agua que tiver atravessado uma camada rica em saes, dá uma agua fina; a que não os tiver encontrado dá a agua que nós chamamos *salobra*.

A agua de Lisboa é calcarea por excelencia, e chega a formar no interior das vasilhas que se põem ao fogo, uma outra calcarea interior, por incrustação.

A agua que as nuvens dá corre tambem para os rios, e lá vae outra vez para o mar.

Assim se forma um motucontinuo, em que o prejudicado é o mar, pois recebe muito menos do que dá, e assim virá um dia em que secará, pois quem dá e não recebe, vae empobrecendo pouco a pouco.

Ainda póde continuar a dar recebendo menos em troca, por dez milhões de anos.

Findo este praso o nosso planeta morrerá de frio, por falta de vapor de agua.

O Sol nada se importará com isso, e continuará a dardejar sobre o cadaver da Terra os seus igneos raios. Assim continuará o Sol por mais 25 ou 30 milhões de anos, até que afinal ele tambem perderá a vida, e o nosso sistema planetario ficará esperando uma nova era resurgidora, que lhe dê outra vez alma e vida.

O mar já ocupou logares que agora estão secos, e isso provem da diminuição de agua dele.

Sabendo nós que o corpo humano tem 70 por cento de agua, devemos concluir que a vida humana se tornará cada vez mais dificil pela falta de agua.

A falta de vapor de agua produzirá o arrefecimento geral, e a humanidade não acabará com o diluvio, como afirmam alguns tonsurados menos lidos; mas sim pela falta de agua, e será então o arrefecimento que matará a Terra e a humanidade.

Nós que agora vivemos, podemos ter a certesa de que poderemos saciar a nossa sede á vontade, e de que só aqui a 10 milhões de anos se produzirá essa catastrofe.

Nessa epoca não haverá tambem amores violentos por falta de calor.

Eduardo Marrecas Ferreira.

Festa Associativa em Grijó

A convite da Associação de Socorros Mutuos de Grijó, partiu d'aqui em automovel uma delegação da Associação de Socorros Mutuos de Espinho, com o seu estandarte, para se fazer representar na festa de aniversario que a mesma Associação de Grijó efectuou com muito brilho.

Pelas 15 e meia horas chegava áquela povoação o autumovel conduzindo a citada delegação composta dos srs. Jeronimo Alves Moreira, Antonio Candido Gordão de Paiva Manso, Francisco P. Barboza, João A. Oliveira e José P. de Almeida e a convite d'estes o nosso particular amigo José S. Serrano, que foram recebidos com vivas, musica e foguetes, encorporando-se seguidamente no cortejo onde varias associações tambem se fizeram representar e seguindo pelas ruas da povoação belamente ornamentadas deram entrada na sede da Associação que se achava decorada a capricho.

Ao abrir-se a sessão foi dada a palavra ao snr. José Gomes Tomaz Pinto que em breves palavras fez a apologia de tão nobres Associações, incutindo no animo de todos a conveniencia de se associarem. (Foi muito aplaudido.) Em seguida foi dada a palavra ao nosso querido amigo e já conhecido orador Antonio Candido Gordão de Paiva Manso (distinto aluno dos 5.º anos do curso Superior do Comercio e Ingenharia Industrial) como representante da Associação dos Socorros Mutuos de Espinho.

O ilustre representante da Associação de Socorros Mutuos de Espinho fez um brilhante discurso que foi entrecortado dos mais delirantes aplausos.

Conseguimos tomar algumas notas do seu substancioso discurso que dão, a largos traços, a sua ideia, como se segue:

Começando por dizer que cabendo-lhe a honra tão cativante de saudar a A. de S. de Grijó em nome da sua congénere de Espinho, o fazia com o maior prazer porque sabia encontrar ali o auditorio que mais tem procurado sempre — um auditorio constituido pelos que trabalham, por aqueles que são, consequentemente, o principal valôr na economia social, mas que, infelizmente, não teem ainda a consciencia de toda a sua força.

Explica depois que procura de preferencia um auditorio essencialmente de operarios porque são esses, justamente, os que estão mais aptos a sentir e sentir bem do fundo do coração, toda a Justiça e toda a sinceridade das suas palavras.

Diz que se sente sinceramente satisfeito por estar numa festa d'aquelas, numa Associação de operarios e para operarios e que tratando-se duma Associação mais um motivo tem para se regosijar porque se tratava de operarios organisados, d'aqueles que vão compreendendo que a primeira coisa a fazer é a solidarização dos elementos obreiros.

(O seu discurso é entrecortado por altisonantes apláusos).

Depois de restabelecido o silencio, continua o orador dizendo não se poderiam formular nunca as exigencias das reivindicações sociaes se os trabalhadores não se organizassem, se não olhassem para a forma de satisfazer ás suas necessidades no caso de impossibilidade para o trabalho. Que, se não houvesse uma forte solidarização, nunca se poderiam ter lançado audazmente na defeza dos seus direitos.

Depois manifesta toda a sua admiração, todo o seu deslumbramento pela extraordinaria e sublime evolução que se operou no homem, acompanhando a pár e passo a evolução dos costumes.

Mostra como se foi desenvolvendo o sentimento da solidariedade, como grande agente do Progresso e da Liberdade.

Faz um vasto desenvolvimento deste assunto, historiando como até o proprio desenvolvimento do comercio e da industria tem apertado mais esses laços de amizade humana, fazendo com que os homens se odeiem menos e conseguindo quasi que eles se amem.

Assim desenvolve o ilustre orador com um grande brilhantismo, a forma como se operou a obra de homojeneização e de amôr a que se refere e que tende a unificar toda a Humanidade.

Em seguida explica que a solidarização se tem desenvolvido porque o homem sente a necessidade de unir-se ao seu semilhante para se libertar da escravidão que o subjuga e que muito particularmente mais sentem essa necessidade os que trabalham porque teem de vencer o ostracismo a que o capital os votou!

Historia em seguida como nasceu o problema das reivindicações operarias e como se operou o movimento associativs em Portugal desde a revolução francêza de 1848.

Diz em seguida que a organização operaria não deve limitar-se exclusivamente á formação de associações de classe, mas que, conjunctamente com outras, devem funcionar as Associações de Socorros Mutuos e as cooperativas.

Lastima que o tempo que os operarios gastam com inutilidades não seja antes empregado em estudar a aplicação das instituições economicas ás sociedades.

Acaba depois por referir-se á importancia da Associação de Grijó, que é um exemplo frizante da boa vontade e inteligencia dos operarios da freguezia, felicitando-se por ter podido dirigir-se-lhes e felicitando-os pela sua grande obra de solidariedade.

O nosso amigo Paiva Manso é calorosamente aplaudido e vivamente felicitado pelos representantes das Associações visinhas, que ali se encontravam, sendo erguidos delirantes vivas á Associação de Grijó e á Associação de Socorros Mutuos de Espinho.

ANUNCIOS

Zacharias Rodrigues

Praça da Liberdade, 23

PUBLICAÇÕES

Nacionaes e estrangeiras
Jornaes de Modas
Tabacos
Boquilhas, Carteiras
Artigos de toilette
Perfumarias
Sabonetes
Postais ilustrados
Loterias

Café Liberdade

Abriu-se este novo café na Rua 16 n.º 48. Tem tambem um bom retiro, bons vinhos e bons petiscos. Os seus proprietarios Miguel Teixeira & Gomes, convidam o publico a visitar esta nova casa na certesa de que será bem servido e o mais economicamente possivel.

Casa terrea

Vende-se com mobilia na rua 5, n.º 40.

Falar com o actual morador.

Abel Guedes de Pinho & C.ª

"Casa Woerner,,

Rua Elias Garcia, 100 a 106 — OVAR

Neste novo estabelecimento, unico no genero, encontrará o publico um bom sortido em todos os artigos a preços o mais rasoavel possivel, taes como:

Grande deposito de calçado para homem, senhora e creança, tanto de inverno como de verão, desde o mais baixo preço ao calçado mais fino. Tambem se concerta o mesmo.

Deposito de fazendas para gabões, sobretudos e fatos, vindos diretamente das Fabricas.

Grande deposito de bicicletes, desde 21$ com roda-livre, dois travões, mala, chaves e bomba. Maquinas falantes, discos e agulhas.

Motocicletes da acreditada marca **Wanderer**, apresentando um ultimo modelo com mudanças de velocidades e embraiagem.

Maquinas de costura da fabrica **Woerner**, as mais leves de andamento, as mais silenciosas, as que mais bons serviços domesticos prestam, as que mais bons resultados dão em bordados, cosendo atraz e adiante, emfim, as mais duradouras.

Bicicletes **Wanderer, Woerner, Ancora-Gazele, Derby** e outras marcas.

Grande deposito de acessorios para bicicletes, maquinas de costura e motos.

Garage para pernoita de automoveis, com oficina de reparações rapidas e garantidas.

Deposito de borracha, oleos e gazolina.

Sapataria de concertos e obra nova.

Alfaiataria onde se executa toda a obra para homem, senhora e creança, assim como os celebres gabões ou varinos aveirenses, sobretudos da moda e capotes á cavalaria Alemtejanos.

Aluguer de automoveis, motocicletes e bicicletes.

Concerta-se toda a bicicle te por mais maltratada que esteja.

Representantes de diversas marcas de automoveis e baturetes **Wanderer.**

Exclusivo em todo o Portugal das bicicletes **Wanderer**, das bicicletes **Ancora Gazele** e de todos os artigos da fabrica **Woerner.**

Descontos em todos os artigos para revender.

Deposito das aguas da «Curia» tanto em garrafas como em garrafões.

Augusto Barbas

VIDRACEIRO

Largo Francisco Zagalo, 24 e 26 (Junto ao quartel)

OVAR

Encarrega-se de envidraçamentos completos desde o mais simples ao mais luxuoso.

Vidraça branca, vidros de fantasia, craclê, imprimê, catedral, aretic, moiré, givré, japonais, persan, em branco o côres, vidro fôsco e vidro opala. Espelhos de cristal da Fabrica S.te Helens (Inglaterra), em todas as medidas tanto liso como lapidados; caixilhos em todos os tamanhos e formatos.

Instalações e reparações de campainhas eletricas

PREÇOS VANTAJOSOS

Hotel e Restaurante

CAFÉ CHINEZ

— DE —

JOSÉ FERNANDES DO LAGO

Praia d'Espinho

(PROXIMO Á ESTAÇÃO)

ABERTO TODO O ANO

Especialidade em vinhos do Porto

REGENERANTE

Puro vinho velho do Porto, muito especial, e que se recomenda para os fracos.

PEDIDOS A' CASA EXPORTADORA

RODRIGUES PINHO

Rua do Senhor d'Alem, 3 — VILA NOVA DE GAIA

(PROXIMO Á PONTE DE BAIXO)

OFICINA

— DE —

Carpinteria e Marcenaria

E

Deposito de vidraça de toda a qualidade

DE

José Rodrigues Faneco

1 a 3, RUA CORONEL GALHARDO, 5 a 7

OVAR

Nesta oficina executa-se com perfeição toda a obra de carpinteria e marcenaria.

Sortimento de malas, colunas, Etageres, etc.

Executa-se toda a obra de pingentes para chalets, portaes, caixilhos e toda a obra de torno e serra mecánica.

Faz-se mobilia nova e concerta-se.

Vidraça cortada em todas as medidas, encarregando-se da sua colocação nas obras.

Biblioteca de Educação Moderna

VOLUMES PUBLICADOS:

I — «A Egreja e a Liberdade», por Emilio Bossi
II — «Socialismo e Anarquismo», por A. Hamon
III — «Descendemos do Macaco», por E. Denoy
IV — «Não creio em Deus, por Timótheon
V — «A Vida nos Astros, por Camille Flammarion
VI — «Historia das Religiões», por Reinach e D'olbac
VII — «As Grandes Lendas da Humanidade», por Michaud e D'humiac
VIII — «Na Aurora do Seculo XX», por Luiz Büchner
IX — «Virgens depois do parto», por Pierre Saintyves
X — «O Amor através dos Tempos», por Laurent e Nagour
XI — «Problemas Sociaes«, por Gustavo Le Bon
XII — «Syndicalismo e Gréve Geral», por José Prat e Aristides Briand
XIII — «Evolução Geral da Vida», por Gustavo Le Bon
XIV — «A Sciencia da Felicidade», por Jean Finot
XV — «Através da Historia», pelo General Celestino de Sousa
XVI — «Jesus de Nazareth», por M. Deshumbert
XVII — «Os Partidos politicos e a Vida da Nação», por celso Ferraris

Cada livro brochado. . $20 cent.
encadernado $30 »

Á VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS E AGENTES DA PROVINCIA

REMETEM-SE PELO CORREIO, MEDIANTE A SUA IMPORTANCIA

ESTRANJEIRO — Acresce o porte e registo

Pedidos á

Livraria Internacional

ABEL D'ALMEIDA

CALÇADA DO SACRAMENTO, 44

LISBOA

Hospedaria Amorim

Rua 21 (antiga rua do Retiro) n.os 66 e 68.

Explendido retiro. Almoços ao ar livre.

Jogo de malha e outros divertimentos.

Aberto todo o ano e até ao ultimo comboio do Porto.

O proprietario da hospedaria, Francisco Pinto F. Amorim (vulgo *Chico do Pipo*).

"A CAMPONESA,,

— DE —

Manuel de Paula Rosado

R. Bandeira Neiva n.os 100 a 108

(Proximo ao Mercado)

Sortido completo em fazendas de lã e algodão proprias para homem ou senhoras e bem assim um variado sortido em miudezas.

Preços sem competencia.

HORARIO DOS COMBOIOS

Do Porto a Ovar, Aveiro e Lisboa

ESTAÇÕES	Tr.	Tr.	Om.	Rap.	Tr.	Tr.	Tr.	Rec.	Tr.	Rap.	Tr.	Cor.
Porto (S. Bento)	0,43	5,46	6,28	8,37	10,18	12,15	14,27	—	17,53	18,48	19,03	19,55
Campanhã	0,55	5,55	6,43	8,48	10,30	12,25	14,36	14,50	18,03	19,00	19,12	20,30
General Torres	1,03	6,03	—	—	10,38	12,33	14,44	—	18,11	—	19,20	—
Gaia	1,07	6,07	6,55	8,59	10,44	12,37	14,48	15,34	18,15	19,12	19,21	20,42
Valadares	1,18	6,18	7,03	—	10,55	12,49	15,00	15,48	18,26	—	19,39	—
Granja	1,33	6,33	7,14	9,12	11,11	13,06	15,17	15,59	18,41	19,24	19,55	20,58
Espinho	1,41	6,41	7,22	9,18	11,19	13,14	15,25	16,07	18,49	19,31	20,03	21,04
Esmoriz	1,54	6,54	7,30	—	11,32	13,29	15,40	16,16	19,02	—	20,17	—
Cortegaça	1,59	6,59	—	—	11,37	13,34	15,46	—	19,07	—	20,22	—
Carvalheira	2,03	7,03	—	—	11,42	13,38	15,51	—	19,11	—	20,27	—
OVAR	2,13	7,13	7,46	—	11,54	13,48	16,02	16,54	19,21	—	20,40	21,25
Válega	—	—	7,52	—	12,00	—	16,09	—	—	—	20,46	—
Avanca	—	—	7,57	—	12,06	—	16,15	—	—	—	20,52	—
Estarreja	—	—	8,09	—	12,20	—	16,28	17,28	—	—	21,05	—
Aveiro	—	—	8,36	9,54	12,56	—	16,56	18,25	—	20,08	21,31	22,02
Pampilhosa	—	—	9,39	10,31	14,25	—	—	20,21	—	20,46	—	23,01
Coimbra	—	—	10,36	11,07	15,05	—	—	21,26	—	21,19	—	0,13
Lisboa	—	—	17,36	14,35	—	—	—	—	—	1,08	—	6,25

De Lisboa, Aveiro e Ovar ao Porto

ESTAÇÕES	1.ª e 2.ª	Tr.	Cor.	Tr.	Tr.	Rec.	Tr.	Rap.	Tr.	Om.	Tr.	Tr.	Rap.
Lisboa	—	—	21,35	—	—	18,56	—	8,30	—	9,10	—	—	18,55
Coimbra	—	—	3,27	—	—	6,17	9,39	11,45	—	15,55	—	—	21,55
Pampilhosa	—	—	4,43	—	—	7,03	10,27	12,18	—	17,15	—	—	22,30
Aveiro	23,23	—	5,45	6,10	—	9,00	11,32	12,57	—	18,22	18,45	—	23,09
Estarreja	0,22	—	6,08	6,43	—	9,51	11,58	—	—	18,43	19,16	—	—
Avanca	—	—	—	6,54	—	—	12,07	—	—	—	19,27	—	—
Válega	—	—	—	7,00	—	—	12,12	—	—	—	19,32	—	—
OVAR	1,15	5,30	6,29	7,08	7,55	10,35	12,21	—	15,35	19,01	19,40	21,10	—
Carvalheira	—	5,40	—	7,19	8,05	—	12,31	—	15,45	—	19,50	21,21	—
Cortegaça	—	5,45	—	7,24	8,10	—	12,34	—	15,50	—	19,54	21,25	—
Esmoriz	1,55	5,51	6,43	7,30	8,16	10,53	12,40	—	15,56	19,15	20,00	21,31	—
Espinho	2,31	6,07	6,55	7,47	8,33	11,18	12,56	13,36	16,12	19,26	20,15	21,48	23,48
Granja	2,56	6,13	7,04	7,53	8,40	11,34	13,02	13,41	16,18	19,33	20,21	21,54	23,54
Valadares	3,31	6,33	7,16	8,12	9,00	11,56	13,19	—	16,35	19,46	20,38	22,13	—
Gaia	3,49	6,52	7,33	8,29	9,18	13,01	13,36	13,59	16,48	20,13	21,02	22,26	0,11
General Torres	—	6,56	—	8,33	9,22	—	13,40	—	16,52	—	21,07	22,29	—
Campanhã	—	7,03	7,43	8,40	9,29	13,15	13,47	14,07	16,59	20,27	21,17	22,36	0,19
Porto (S. Bento)	—	7,13	7,53	8,51	9,38	—	13,58	14,18	17,08	20,42	21,26	22,45	0,30

1.ª SUCURSAL DA CASA DE EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES D'AVEIRO

João Mendes da Costa

Fundada em 1907

RUA JULIO DINIZ, 99 — OVAR

(antigo Largo dos Campos)

N'esta casa empresta-se dinheiro sobre todos os objectos que ofereçam garantia como:

Brilhantes, ouro, prata, roupas, mobilias, maquinas de costura, bicicletas, relogios, guarda-chuvas, armas, instrumentos, etc., etc.

Os emprestimos são realisados estando os srs. mutuarios sós.

Guarda-se absoluto segredo.

Aceita-se qualquer quantia para amortisação do capital.

2.ª Sucursal — Estarreja

Fotografia CARVALHO

ESPINHO

ESMALTES FOTOGRAFICOS PARA MEDALHAS, PERFEITOS E ETERNOS

Retratos em porcelana.

Retratos reclame desde $50.

Ampliações inalteraveis desde 2$00.

NOVIDADE — Efeitos da luz. Transformação de vestidos e penteados, etc., etc.

Quem desejar adquirir um bom retrato a preços que ninguem póde egualar, não hesite em procurar sempre esta casa.

Oficina mecanica de cartonagem fotografica.

Aluga-se ou vende-se

O predio que faz frente ao Jardim no largo do Passeio Alegre em Espinho.

Informação no mesmo ou com José Fernandes no *Cafe Chinez.*